

PRÁTICAS DE LEITURA NA AMAZÔNIA POR PERSONAGENS-LEITORES MARGINALIZADOS

Regina Barbosa da Costa (UFPA)¹

Marlí Tereza Furtado (UFPA)²

Resumo: O estudo tem por objetivo analisar a figuração de personagens-leitores marginalizados da ilha do Marajó, presente nos romances do escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979), *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e *Marajó* (1947) que abrem o ciclo do *Extremo Norte*, escrito e publicado pelo autor, entre os anos de 1939 e 1978. O foco do trabalho incidirá nos personagens Eutanázio e Ciloca, a partir dos quais é possível dimensionar a proposta literária do escritor e analisá-la a partir de um duplo escopo: o da escrita sobre uma realidade social na Amazônia e o da utilização da arte literária para simular a realidade amazônica.

Palavras-chave: Personagem-leitor; Dalcídio Jurandir; Amazônia; Realidade social


A Amazônia brasileira é percebida de forma singular pelo escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979)³. Como um escritor que se iniciou na década de 1930, não só apresenta a realidade social da região Norte, como se posiciona criticamente perante ela, ao expor as mazelas sociais locais mais evidentes, como a miséria, doenças e o analfabetismo, frutos não só das ruínas de um período econômico (o da borracha), mas também de uma política social excludente aliada a algumas vicissitudes da configuração geográfica da região.

Jurandir simula artisticamente a realidade social da Amazônia paraense e, nesse projeto estético-ideológico, emprega um elemento interessante: a criação de personagens que praticam leituras nas narrativas. Esses personagens são aqui denominados de personagens-leitores, visto que são figurados entre atividades de leitura, escrita e narração de histórias de ficção. Neste estudo, focalizaremos dois deles que figuram nos primeiros romances do escritor: Eutanázio, um dos protagonistas de *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e Ciloca, personagem secundário de *Marajó* (1948).

¹ Graduada em Letras (UFPA), Mestre em Estudos Literários (UFPA) e Doutoranda em Estudos Literários (UFPA). Contato: anygger@yahoo.com.br

² Professora doutora do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Contato: marlitf@ufpa.br

³ Dalcídio Jurandir (Ponta de Pedras (PA), 1909 - Rio de Janeiro (RJ), 1979). Além de escritor, foi também jornalista, tendo intensa atuação como redator e colaborador, no Pará, em: *O Imparcial*, *Crítica Estado do Pará*, *Revista Escola*, *Revista Guajarina*, *revista Novidade* e *Revista A Semana*; no Rio de Janeiro em: *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, *revista Literatura*, *revista O Cruzeiro*, *semanário Classe Operária*, *Para Todos e Problemas*.




Esses personagens-leitores, Eutanázio e Ciloca, por serem focalizados nos romances desenvolvendo práticas de leitura e narração de histórias, são distintos dos demais personagens na ficção jurandiana. Apesar disso, são indivíduos marginalizados social e moralmente, o primeiro, por apresentar comportamento antissocial e ter adquirido uma doença venérea que o vitima e o segundo, um padeiro, por ter contraído lepra, doença incurável, na época, mutiladora e que requeria isolamento social.

Analisar esses personagens-leitores, localizados em uma ilha “distante” (a ilha do Marajó), em meio a uma comunidade de analfabetos, nos permite questionar aspectos da cultura local, ou seja, observar como a cultura letrada, de uma classe hegemônica, chega até a ilha e como alguns de seus propagadores, embora à margem, a utilizam como tradutores dela para um público menos privilegiado, mais à margem do que eles.

O leitor da Amazônia e as representações de personagens

Como já foi afirmado, Dalcídio Jurandir percebeu de forma singular a Amazônia brasileira. Essa singularidade faz sua obra diferir de uma série de outras que mais descrevem as paisagens da região do que os dramas dos homens dessa região. Tanto sua produção literária como sua obra jornalística nos coloca frente a um grande e bastante aparatado leitor, de onde resulta a forte presença de imagens de leitura em sua obra romanesca. E assim como nos textos jornalísticos, principalmente nas críticas literárias, questionava obras e a realidade, nos textos literários, criou espaços e personagens que nos conduzem à discussão de problemas sociais, observáveis tanto na Amazônia daquela época, como em outras regiões do Brasil, quando não de outros países.

No premiado livro *Chove nos campos de Cachoeira*, (1941), que insere o escritor Dalcídio Jurandir no mercado editorial brasileiro, percebe-se que a leitura do escritor não é ingênua, mas alinha sua vivência de leitor à situação enfrentada pelo homem da Amazônia. Após este primeiro livro, são produzidos mais nove, que compõem o ciclo do *Extremo Norte: Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). Todos esses romances nos apresentam os dilemas sociais do homem nortista representados por dezenas de personagens e, entre esses personagens, há um número significativo



daqueles que praticam a leitura e narração de histórias. Juntos compõem um universo de leitores fictícios, marcado pela diversidade de maneiras de ler e de interpretar o texto lido.

Cabe ressaltar que esta modalidade de leitor fictício já foi explorada em diversas obras da literatura universal e citamos como exemplo duas delas cujos protagonistas são delineados por suas leituras: *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616), publicado em 1605 e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1821-1880), publicado em 1857. Por outro lado, o estudo da leitura como processo complexo e dinâmico é analisado por pesquisadores pertencentes à História Cultural, a qual está vinculada à História da Leitura, como Michel de Certeau (2003), Robert Darnton (1990) e Roger Chartier (1994), que produziram pesquisas essenciais para compreender a prática de leitura no contexto social. No Brasil, lembremos das pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman⁴.


Como o estudo da representação de personagens-leitores nos permite conhecer a relação dialógica entre leitor e produtor de texto, para nós, em nosso estudo, ela aponta um dos caminhos para a análise da produção do ciclo do *Extremo Norte* de Dalcídio Jurandir, sinalizando para essa relação dialógica. Assinalamos que a base da pesquisa sobre o escritor paraense, está fundamentada nos estudos e projetos acadêmicos da pesquisadora Marlí Tereza Furtado (2010) na dimensão que seus estudos nos dão sobre o escritor e sobre a existência de uma Amazônia “derruída”, no período logo após a queda da economia da borracha.

A exclusão social de personagens-leitores

A exclusão social está atrelada à ideia de marginalização, sendo que nesse processo são intensificadas as desigualdades sociais e os sujeitos vítimas da marginalização sobrevivem com hostilidades e discriminações que podem ocasionar sequelas irreversíveis para o resto da vida. Neste sentido, os romances-objeto deste estudo, *Chove nos campos de Cachoeira* e *Marajó*, trazem personagens marcantes para visualizar tal situação.

Por meio da imagem do personagem-leitor marginalizado, Dalcídio Jurandir também discute a situação do intelectual ou artista, que consegue ver além daquilo que

⁴ Lembremos de sua obra conjunta *A formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.




uma dada realidade supostamente apresenta. No entanto, este ser crítico, por vezes incompreendido, se revolta e subverte a situação inicial para tornar-se uma vítima social anarquizante, caso de Eutanázio, personagem do livro de estreia e, mais ainda, de Ciloca, personagem do segundo romance do autor.

Eutanázio, de *Chove nos campos de Cachoeira*, é bem emblemático neste processo de exclusão social. Ele representa, na ficção jurandiana, um ser humano que definhou e se excluiu dado o deslocamento que sentia no espaço em que habitava. Marcado por uma angústia existencial intensa, despertou para a reflexão crítica a partir de situações sociais que percebeu na cidade de Cachoeira, desprezadas por outros personagens mais eruditos e prestigiados.

A linhagem do personagem-leitor Eutanázio é singular, posto que o pai, Major Alberto, e o irmão, Alfredo, personagem principal da saga do ciclo *Extremo Norte*, são leitores. O personagem em foco morava em Cachoeira com o pai, a madrasta D. Amélia, Mariinha e Alfredo, irmãos por parte de pai. Filho da primeira esposa do Major Alberto, já falecida, tinha três irmãs solteiras, Letícia, Natércia e Marialva, cuja caracterização pode ser comparada à de Eutanázio, e juntos representam um estágio de infortúnio do ser humano. As irmãs “[viviam] sós, numa casa triste e gasta, falando baixo como freiras de avental, os cabelos muito compridos, envelhecendo devagar sem vontade de nada” (JURANDIR, 1941, p. 66).

No romance, Eutanázio é descrito como um sujeito de gênio difícil “raqúitico, [com] olhos sombrios, [e] dedos trêmulos” (JURANDIR, 1941, p. 35). Sua problemática se traduz em frustração, como pessoa e enquanto escritor e sua inclinação para a vida cultural nasceu na adolescência, quando selecionou as profissões de sua preferência: general, enfermeiro e encadernador. Destas, escolheu, primeiro, o serviço de encadernador, pois segundo ele “os livros, os bacalhaus, os pobres livros maltratados e doentes [...] seriam mais pacientes, mais resignados, mais agradecidos, mais humanos” (JURANDIR, 1941, p. 38), demonstração de que começou a ter certa afeição pelos livros, como se eles fossem pessoas e não objetos.

Dos episódios sobre Eutanázio, presentes no enredo, merece destaque um trecho em que ele traça considerações críticas a respeito de livros, leitura e produção escrita, que intrigavam seus pensamentos. No episódio, um sujeito bêbado, lhe aparece em forma de miragem e faz os seguintes questionamentos: “por que os livros ficam à




margem? [...] Porque também... o homem... Fica também... Na margem da... da... vida? Da nossa própria da... nossa própria... Consciência? (JURANDIR, 1941, p. 38). Esta aparição, formada por um misto de realidade e ilusão, estimulou o personagem a iniciar uma inclinação que estava latente nele, como se fosse outra vida querendo desabrochar.

Foi a partir deste belíssimo episódio, que o desejo pela leitura se revelou, embora a experimentação de leituras tenha surgido na infância, quando folheava revistas e olhava gravuras de livros da estante de seu pai, Major Alberto. Esses atos de experimentação são ações representativas de uma testagem inicial para a leitura e demonstram que o personagem foi criado em um mundo propício a isso.

Quando Eutanázio se propôs a direcionar melhor seus estudos na escola, tinha a intenção de mudar radicalmente a “face das coisas [...] mudar a viagem do sol [e fazer] o sol nascer na meia-noite” (JURANDIR, 1941, p. 37), no entanto, o medo de receber castigos do professor o transformava num ser maquiavélico “seria capaz de matar o mestre com uma pedrada” (JURANDIR, 1941, p. 37), então, executava pequenas vinganças como a de desenhar a cabeça do mestre de forma deformada e enterrar o desenho no formigueiro para imaginar as formigas devorando a cabeça do monstro professor. Esses dados nos colocam frente à consciência da realidade que as leituras o ajudam a adquirir e, por outro lado, a ser aquele elemento que responde à exclusão e à violência de uma forma anarquizante, como dissemos acima.

A prática de leitura do personagem Eutanázio pode ser considerada como leitura extensiva, termo empregado por Chartier (2007) para designar a modalidade de leitura que abrange variados gêneros e nacionalidades. Haja vista que seu percurso de leitor se iniciou nos catálogos e revistas do pai, ao mesmo tempo que desenvolvia a leitura ouvida, pois sempre solicitava ao seu tio Jango que lesse para ele um dos livros da Bíblia, denominado *Apocalipse*, que julgavam mais interessante. Em seguida, sua prática de leitura foi desenvolvida em contato com a natureza: debaixo ou entre os galhos de árvores “leu o *Paulo e Virgínia*, *A vingança do Judeu*, *O Conde de Monte Cristo*” (JURANDIR, 1941, p. 40). Observa-se que, mesmo lendo romances de aventuras, relacionados a outros países, ele consegue fazer relação com o seu mundo amazônida.

Ressalte-se que Eutanázio possuía predileção especial pelo gênero poesia, “decorava o *Se se morre de amor*, *O Amor e o Medo e o Ouvir Estrelas*. Tinha paixão pelo *As Pombas*” (JURANDIR, 1941, p. 39). Percebe-se que seu processo de leitura




literária acontece de modo gradual e o narrador nos apresenta de forma gradual as diferentes fases literárias a que pertencem os textos: do Romantismo, da primeira fase, o *Se se morre de amor*, de Gonçalves Dias; do Romantismo, da segunda fase, *Amor e Medo*, de Casimiro de Abreu; do Parnasianismo, *Ouvir Estrelas*, de Olavo Bilac; e *As Pombas*, de Raimundo Correa.

O leitor Eutanázio não se acomodou apenas com as leituras que fazia. Ele alargou o seu campo cultural e iniciou a produção de versos, porque o seu grande desejo era ser poeta. No entanto, recebeu severas críticas do pai, leitor do cânone, que o queria poeta tradicional como os parnasianos, com métricas e rimas. Eutanázio, porém, não desistiu: “animou-se quando leu isso num Almanaque: [o verso é tudo]” (JURANDIR, 1941, p. 39). Esta observação o fez prosseguir no seu intento de produzir poesias (=poemas), o que não foi muito longe na forma erudita, mas se expandiu na forma popular, como versos para as festas folclóricas.

A preferência deste leitor pela arte literária se propagou, então, com a produção de versos para as festas tradicionais de bois da região. Desta forma, ele alcançou até certo reconhecimento, já que “o povo gostava, o boi saía bem ensaiado e original, com as músicas do Miranda e os versos de Eutanázio [...] achava assim que a sua pobre poesia tinha sempre alguma utilidade” (JURANDIR, 1941, p. 109). O momento de representação de seus versos musicados significava, para ele, o ponto máximo de sua arte, por conseguir alegrar um povo tão sofrido, ao vê-lo cantar e representar seus versos que eram encobertos por tristezas. Só assim, era reconhecido e as pessoas podiam usufruir de sua arte.

Além da contribuição às festas tradicionais de Cachoeira, Eutanázio também praticava pequenas ações sociais como a de ler e de escrever cartas para as pessoas analfabetas daquele lugar. Na elaboração das cartas, brincava com essas pessoas analfabetas, especialmente os enamorados, pois sabia que era ele quem iria escrever e ler as cartas, por ter grande disponibilidade para fazer o trabalho e também por ser um dos poucos que sabia ler e escrever em Cachoeira. Desta forma, tirava proveito para se divertir “daquela felicidade analfabeta e cheia de boa-fé” (JURANDIR, 1941, p. 233). Recebia dos correspondentes muitos agradecimentos, porém estes não desconfiavam que as cartas produzidas por ele contivessem outro conteúdo. Aqui, ressalta-se o grotesco daquela sociedade miserável: o erudito, mesmo que excluído, vingava-se de sua



exclusão, naqueles mais excluídos do que ele e Jurandir demarca seu inconformismo com aquela realidade de analfabetos.


A história de vida de Eutanázio é trágica e sua existência sombria, sua figuração de pessoa não era bem vista em Cachoeira e por fim se apagou na meia idade, não conseguiu o objetivo de tornar-se um escritor canônico, não conquistou a mulher por quem era apaixonado, não constituiu uma família, não teve filhos. No entanto, ele foi um personagem que, a seu modo, contribuiu culturalmente para a comunidade de Cachoeira.

Em *Marajó*, o personagem Ciloca, desponta como padeiro, leitor, narrador de histórias e tocador de violão. Ele contraiu uma doença de registro bíblico: a hanseníase, também conhecida como mal de Hansen, mal de Lázaro, morfeia ou lepra. Essa enfermidade, naquela época, era incurável e mutiladora e requeria do doente isolamento social.

O universo retratado na ficção de Jurandir não difere da realidade, pois de acordo com Silva (2009) “uma das estratégias historicamente desenvolvida para barrar o avanço da endemia foi a implementação das colônias de hansenianos, [...] chamadas de leprosários, hospital de lázaros, lazarópolis, sanatório e hospício dos lázaros” (SILVA, 2009, p. 4). Este entendimento sobre a doença não considerava que a área mental do paciente não era afetada, assim seu sofrimento moral, possivelmente, às vezes, se tornava maior do que o sofrimento físico.

Na trama da obra, o personagem Ciloca é convocado pelo oficial de polícia a se recolher a um leprosário. O sentimento de rejeição o revoltava e suscitava nele o desejo de vingança, como “fazer uma necessidade na porta da igreja, [...] servir-se das grandes orelhas de Úrsulo [além de] morre[r] cuspiendo em todos os poços da vila” (JURANDIR, 1947, p. 257). Naquele contexto, a exclusão social de alguns, os doentes, era a saída para liberdade social de outros e, às vezes, de poucos.

Esses poucos pertenciam à elite local, formada principalmente pelos grandes proprietários de terra, no romance, representados pelo personagem do coronel Coutinho, que determinava a exclusão, ao exercer o poder político- partidário e social em sua grande propriedade. Em razão disso, em suas terras, pessoas como Ciloca poderiam ser descartadas para o bem-comum da elite. A figura do coronel latifundiário



é bem representativa neste segundo romance de Jurandir e demonstra de que forma os pobres ficaram mais pobres e propensos a doenças naquele universo.

As condições sociais e sanitárias em que vivia o personagem Ciloca são bem assinaladas pelo narrador que asinala que Ciloca morava em uma “casa em ruínas, velha armação derreada cheia de ninhos de cabas. Só restava o quarto esburacado onde dormia” (JURANDIR, 1947, p. 276). No romance, são descritas não só as condições sociais e sanitárias em que viviam os habitantes de Ponta de Pedras, mas também se destacam a falta de higiene e a miséria, elementos indispensáveis para a aquisição de doenças como a hanseníase, a tuberculose, a malária, a helmintíase, dentre outras que compõem a lista de enfermidades expostas naquela realidade.


A difusão da cultura letrada, canonizada ou não, bem como de narrativas orais dão o diferencial ao personagem Ciloca, uma vez que, apesar de ser marginalizado, percebia a necessidade da leitura e da transmissão destas para outras pessoas, ou seja, ele não guardava pra si o apreendido na leitura. Ele lia para narrar a outros e chegava até a ampliar algumas histórias, dando sua própria versão a respeito do assunto lido, fazendo-se um autor aos seus interlocutores, formados pelos meninos pobres da vila de Ponta de Pedras.

As narrativas de Ciloca, às vezes, eram inventadas e maldosas, possivelmente fruto da rejeição que sofria, no entanto sua capacidade de criar deixava os meninos silenciados e fãs féis de suas narrativas,

contava amores que inventava, vícios que não tinha, padre que vira agarrado às devotas na sacristia, charadas d’ ‘O Malho’ que decifrara, bruxarias de São Cipriano que o livro do santo bruxo não contava. Falava do Pedro Malazarte e de proezas que o herói nunca fizera. (JURANDIR, 1947, p. 37-38).

Como se percebe, as leituras de Ciloca compreendiam principalmente as narrativas de mistério e ocultismo, comédia e pornografia. No entanto são registradas leituras de contos de fada, como *A bela adormecida no bosque*, de Charles Perrault, as histórias de *As mil e uma noites*, especialmente o conto *Ali Babá e os quarenta ladrões*, além de contos e lendas de feiticeiros, como a lenda amazônica do *Pajé Sacaca* e os contos de meninos encantados.

O local escolhido por Ciloca para contar suas narrativas eram os postes da Vila de Ponta de Pedras e as pessoas da comunidade evitavam os postes em que o padeiro se



encostava, mas o personagem contrariava a indignação popular e “conta[va] aos meninos anedotas obscenas, ensina[va]-lhes maldade, envenena[va]-lhes a curiosidade” (JURANDIR, 1947, p. 37-38). Ao contrário dos adultos, os meninos não sentiam medo de Ciloca, pelo contrário, estavam sempre disponíveis a conhecer as novidades trazidas pelas histórias narradas, as descrições de amor proibidas e os feitiços e pornografias ensinados por ele.

Os receptores das narrativas de Ciloca não se preocupavam com a doença do personagem, talvez pela pureza de pensamento que ainda possuíam. Por outro lado, numa cidade em que impera a pobreza, o único momento de lazer a eles oferecido era cultivado com prazer, mesmo que acontecesse nos encontros com o personagem estigmatizado. Da mesma forma que contava as misteriosas histórias aos meninos, Ciloca desaparece na narrativa de Jurandir e não ficamos sabendo se ele foi para o leprosário, se cometeu suicídio ou se simplesmente ficou vagando pelos lugares sombrios da comunidade de Ponta de Pedras.

Cabe por fim destacar que os personagens Ciloca e Eutanázio nutriam paixões avassaladoras: Ciloca vivia das lembranças de sua falecida Sinhazinha, com quem foi correspondido, e Eutanázio morreu amando Irene, que nunca correspondeu a seu amor. A entrega total ao amor representa nos personagens que o sentimento de amor e paixão, fazem parte do ser, que mesmo em situações adversas consegue sonhar, idealizar a realização do amor e, às vezes sublimar tudo por meio da literatura.

Considerações Finais

Este estudo mostrou que na construção do ciclo do *Extremo Norte* está presente o empenho do escritor Dalcídio Jurandir, que, com sua leitura e visão crítica, deixou marcas nos textos produzidos por ele e conseguiu criar na narrativa um lugar ficcional para discutir com ele, leitor solidário, a angústia de ver a miséria, as doenças e o analfabetismo assolando a população da Amazônia paraense.

A artística simulação da realidade social da Amazônia, elaborada por Jurandir, mostrou que a prática de leitura empreendida pelos personagens-leitores Eutanázio, de *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e Ciloca, de *Marajó* (1947) vai além daquilo que consideramos um parâmetro normal a ser seguido, ou seja, também representa uma subversão de caminhos e normas que podem resultar em excelentes leituras de mundo.

No caso, Jurandir ironiza mostrando que os excluídos, além de detentores do saber, sabiamente propagam a muitos o que é desconhecido e ignorado.

Eutanázio e Ciloca são personagens que não viviam de acordo com os paradigmas de sua comunidade no Marajó. Seu convívio social era precário, quer por razões mais existenciais, caso de Eutanázio, quer por razões sociais, caso de Ciloca, o que gerava neles sentimentos de revolta e vingança. Somente a prática da leitura e da narração os destacava dos outros personagens dos enredos desses romances, pois suas práticas culturais se multiplicavam.

É assim que a Amazônia de Jurandir é representada na ficção, com sensibilidade e consciência social; uma região sem idealizações, com todas as suas chagas, como as doenças oriundas da pobreza e da falta de saneamento básico, a exploração dos pobres e analfabetos por coronéis, o sofrimento dos caboclos, não importando suas origens, se brancos ou negros.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CERTEAU, Michel de. *Ler: uma operação de caça*. In: _____. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.

CERVANTE Y SAAVEDRA, Miguel de. *D. Quixote de La Mancha*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores e bibliotecas na França entre os séculos XIX e XVIII*. Brasília: Editora UNB, 1994.

_____. (org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.


DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. Denise Bottmann (trad.). São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vecchi, 1941.

_____. *Marajó*. 3ª. ed. Belém: CEJUP, 1992.



LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia: literatura & memória*. Belém: SECULT, [Rio de Janeiro]: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.

SILVA, José Bittencourt. *A ex-colônia de hansenianos de Marituba: Perspectivas histórica, sociológica e etnográfica*. Disponível em: <http://www.naea.ufpa.br/naea/novosite/index.php?action=Publicacao.arquivo&id=215>. Acesso em; 28 de ago. 2017.